

## OS COCOS QUE NOS ALIMENTAM

Pai José sempre me surpreende. Hoje é uma segunda-feira, dia de nosso grupo de estudos. Pela segunda ou terceira vez imaginei que o escrito a ser publicado seria o título “Tradição”. Mas não será desta vez. Talvez por eu esperar tanto por este texto, acabo criando expectativas. Passado de meio dia ele me pede que seja relatada a história dos cocos dos índios, contada por S. Curumataí. Vamos lá...

Muitas vezes as entidades nos surpreendem durante a gira. Como médium preparados para qualquer situação na gira, não esperamos por nada, apenas deixamos nosso corpo a disposição para que os espíritos possam atender a todos. E assim foi mais uma gira de sábado no Terreiro Vovó Benta. Passado o ritual, S. Curumataí chegou da maneira oponente ao desânimo e a tristeza como sempre. Digo oponente, pois jamais senti ele chegar triste ou desanimado. Ao contrário, sua força de vontade em trabalhar, em ajudar, é o combustível que eleva a força no terreiro. Sua chegada faz o chão vibrar e os atabaques parecem flutuar nos quatro cantos, ecoando a força de Ogum. Isso acontece em todas as giras de S. Curumataí,... mas no sábado, dia 10 de Junho de 2017, enquanto atendia uma consulta e outra, ele nos brindou com uma linda história, a qual é uma analogia com a nossa própria vida.



Trata-se do egoísmo, da forma pequena em pensar sempre no proveito e somente as vezes na doação. É o olhar mesquinho que analisa tudo o que pode pegar para si, absorver ao máximo ou além deste. Pena que não é do conhecimento, da aprendizagem que falamos, mas sim de coisas materiais.

É como o filho de santo que quer desenvolver, quer saber quem são as entidades, quer tê-las por perto para ter mais força, mais poder aquisitivo e as vezes até demonstração de super poderes (o macumbeiro do pedaço, o mago, o bruxo...). Quer se aproveitar de tudo o que há disponível, mas não ajuda em nada e não se importa com tudo o que está envolvido para que isso aconteça, seja a estrutura física da casa ou a organização dos trabalhos mediúnicos. É o famoso venha a nós e o vosso reino “nada”.

Por um bom tempo a pessoa que age assim acredita ser muito inteligente, pensa que é mais esperto que os outros. Para quem nunca viu a filme da “formiga e da cigarra”, está aí uma ótima analogia. Tire uma tarde de domingo e assista o filminho que retrata um pouco este cenário. Mas veja bem, não é só preguiça como a questão da cigarra! Quem quer beber os cocos e comer os peixes sem trabalhar não é só preguiça, vai além! É egoísmo (pensa só em si), é maldade (não se esforça por si e nem pelos outros) e acaba se tornando inútil, quando não um peso aos demais.

Voltando ao que S. Curumataí relatou: quando ele era chefe da Aldeia em Porto Seguro, ele e demais guerreiros faziam a pesca no mar. Diferente de muitos povos, os Índios Pataxós iam para alto mar pescar para toda a aldeia e não só para sua família. Eram escolhidos os chefes de família, porém, deixando sempre o filho mais velho no barco ou o seu pai, jamais os dois. A intenção era de proteção ao restante da família (mulher e filhos) tanto no caso de um acidente em alto mar (não voltarem mais) quanto um ataque na aldeia. Desta forma haveria sempre uma proteção pela ausência temporária, quanto pela ausência permanente caso os índios pescadores não voltassem.

A pesca durava em torno de 3 a 5 dias, conforme o clima e a lua. Se preparavam com sementes (muita energia e pouco volume ocupado no barco) e cocos, pois estes dariam a água necessária para poderem passar os 5 dias no mar, uma vez que a água salgada é imprópria para consumo. Os cocos eram amarrados em volta da borda das canoas (estas eram entalhadas/esculpidas pelos próprios índios) e cada índio poderia tomar a água e comer a carne da fruta de apenas dois cocos por dia e comer um punhado de sementes. Ninguém precisava cuidar do outro, zelando para que um não bebesse mais do que o outro. Era a fraternidade que comandava isso pro si mesma, o respeito e o amor pelo irmão.

As canoas viajavam em forma de “V”, como os pássaros fazem, para poupar energia da remada. Por isso o cacique ou guerreiro mais velho conduzia as canoas, abrindo a passagem para os demais.

Desde a organização de quem iria para o alto mar e quem ficava em terra para proteger as mulheres e crianças, das sementes e cocos que dariam o sustento por alguns dias, os índios se organizavam. Mas não era a organização que os mantinham vivos e em progresso. Era o respeito.



Nesta mesma gira S. Curumataí relatou que isso acontece em nossa casa TVB, que muitos filhos sabem que podem beber dois cocos e comer um punhado de sementes, mas da mesma maneira estão em alto mar, se dedicando ou então cuidando de outros afazeres. Ou

seja, estão comprometidos. Porém, há os que querem apenas os cocos sem nada fazer e, além disso, esperam pelos peixes.

As cambones choravam enquanto S. Curumataí contava esta história e eu ficava a imaginar como deve se sentir uma pessoa que não se compromete, que apenas quer os frutos de uma árvore que não ajudou a plantar ou nem ao menos zela por ela. Deve ser muito ruim, pois o proveito que se pensa ter com esta atitude é nulo. No fundo quem pensa assim perde muito, pois como parte descomprometida não permanece no grupo e acaba se desligando por si mesma. Um sentimento de inutilidade ou de frustração deve fazer parte deste processo e isso acaba impedindo a convivência com os que se comprometem.



Vou relatar aqui uma questão tão simples que parece até cômica se não fosse trágica. Há pessoas que quando “compram” um serviço precisam a todo custo ter algo a mais, para se sentir bem e “satisfeito”, para sair “ganhador”. Diferente de pedir um desconto porque vai pagar a vista ou ter orçado um serviço mais barato. É um vício, um costume... horrível, mas é verdade.

Há pessoas que quando vão ao restaurante precisam comer em dobro para “fazer valer a pena o quanto irá pagar”. Mas será que sair literalmente estourando as tripas e passando mal é satisfatório? Este é o verdadeiro prazer que devemos sentir? Comer mais do que está se pagando é o objetivo? Deveria ser comer com tranquilidade, uma boa comida e em ótima companhia, com a gratidão a Deus por ter condições de pagar por aquele alimento e viver momentos maravilhosos.

O sentimento que aduba nossas ações é que deve ser analisado. Então voltemos ao terreiro, como você age em sua casa de reza?

Você é um filho que protege a sua aldeia/pesca para todos da sua aldeia, ou é um filho que quer apenas se aproveitar dos cocos e dos peixes? Se você se encontra na espera dos cocos e dos peixe, deixe-me lhe ajudar...

**Um dos sentimentos mais gratos a nossa existência é a satisfação, e não o agradecimento do que se faz.** Profundo né? É que agora já não estou mais sozinha na escrita, Pai José me auxilia na conclusão do texto. Fazer algo na espera de congratulações, gratidão ou até mesmo de uma paga, pode ser frustrante demais. Mas quando se faz algo por amor, por prazer, por dedicação, devoção ou fé, temos a satisfação do trabalho concluído como maior paga. É o êxtase de ser útil, aproveitado pelo bem maior e não um aproveitador dos demais. É ser parte integrante de uma aldeia e não alguém temporário que está ali somente para colher seus cocos. É ser, estar, viver.

Na etimologia da palavra, a satisfação é *ato ou efeito de satisfazer; contentamento, prazer advindo da realização do que se espera, do que se deseja (wikipedia)*. Bem como também, no sentido teológico, é *reparação do mal causado a alguém ou da injúria feita ao próximo, ou a Deus pelo pecado (wikipedia)*. A definição teológica é um pouco pesada ao meu entendimento, pois vejo que os pecados na visão espírita são bem diferentes que na visão de outras religiões. Resgatamos carmas, mesmo imperfeitos, pois se perfeitos fossemos, na carne não estaríamos mais... Mas a busca cega pelo proveito em cima dos outros não é uma imperfeição, é uma atitude consciente de lesar, é insistir no erro crasso da apropriação indevida.



Que possamos aprender com os índios, sendo comprometidos e fraternos, convivendo como irmãos e não como gladiadores onde um quer passar a perna no outro. Faceta terrível que vemos de nossa organização política no Brasil, tão escancarada e aterrorizante nos últimos tempos.

A lição dos índios pataxós na organização com respeito ao próximo (não beber a água do coco dos outros, trabalhar por igual seja na pesca ou no zelo com a família em terra) e a sabedoria do esforço (lição dos pássaros), me remete a minha vida particular (família de sangue) e ao terreiro.

E quando o problema não está em você é mais difícil, quando não é você que quer os cocos sem esforço algum é pior. Sabe porque? Quando somos nós os errados precisamos apenas analisar, aceitar o erro e mudar. Quando é no outro não conseguimos alterar, apenas mostrar o caminho!

Há em sua família alguma pessoa que se aproveita dos pais, dos irmãos ou dos próprios filhos? Há alguém que se faz de “leitão pra mamar deitado”? Tenha piedade e não tente mudar na marra, não funciona. Dê o exemplo e chame a pessoa para a luz da satisfação, que nada mais é do que ser realizado em ser útil e comprometido, fazer parte, pertencer! Se você conseguir a façanha dele sentir uma só vez, talvez ele queira mais. Claro que nem sempre

é assim, então volta a regra básica da convivência: se você não consegue compreender, então ao menos tolere e preserve o seu equilíbrio.

Ame, reze, trabalhe, limpe, beije, abrace, coma, durma, ame, viva... sem egoísmo, sem preguiça, sem aproveitamento do próximo. Isso é uma forma leve de viver com alegria, caminho da descoberta linda que é ser feliz!

Pense nisso!

Saravá!



*Mãe Lillian de Femanjá*

*Dirigente do Terreiro de Umbanda Vovó Benta*

Rua José Zgoda, 205 – Bairro Alto – Curitiba / PR

[www.vobenta.com.br](http://www.vobenta.com.br) - [lilian@vobenta.com.br](mailto:lilian@vobenta.com.br)